

O TEL LAQUIS

Relações arqueológicas, da cultura material e alguns fragmentos bíblicos

Fabio Py Murta de Almeida**
Faculdade Batista do Rio de Janeiro
Faculdade Teológica Batista de Niterói

Resumo: Pretende-se com o presente artigo fazer um aporte aos conhecimentos que vem sendo debatidos no rumo da Arqueologia do Oriente Antigo. Nisso foi escolhido um sítio arqueológico para que por ele, se pudesse meticular a forma com que se vem canalizando o texto bíblico nas eras da história de Judá - segundo as recentes teorias da metodologia histórica (minimalista e maximalista) vem deflagrando. Então, o sítio de Laquis será avalizado por pontos geográficos, históricos e bíblicos, e á partir desses aspectos se espera reconhecer os nichos da formação dos textos bíblicos intuindo nos seus achados informações para descrição de um porvir formativo.
Palavras chaves: arqueologia, laquis, minimalismo, maximalismo e formação da Bíblia.

Abstract: There is an intention with the present article to take a look into the knowledge that has been debated in the route of the Archaeology of the Old East. An archaeological park was chosen for that know the way that it has been canalizing the Biblical text in the ages of the history of Judah - according to what the recent theories of the historical methodology (minimalistic and maximalistic) has done. Then, Laquis park will be guaranteed by ground, historical and Biblical positions, from these aspects on the expectative is to recognize the niches of the formation of the Biblical texts counting on the found information for description of a formative future.

Key-works: archaeology, laquis, minimalism, maximalism and formation of the Bible.

Parece que o povo em geral cada vez mais ao longo dos anos vem percebendo as dificuldades de pontuar precisamente os fatos relatados nos textos bíblicos. Prova disso é que em boa parte das civilizações ditas cristãs no transcorrer de sua longevidade são

** Professor da Faculdade Batista do Rio de Janeiro (vinculada ao Seminário Teológico Batista do Sul do Brasil), e a Faculdade Teológica Batista de Niterói (ex-Seminário Teológico Batista de Niterói)..

afrontadas por perguntas que tem se tornado comum entre seus seguidores, como: onde era a muralha de Jericó? Ela existiu? E o monte Sião de Isaías 1 onde ele ficava? Moisés fez aquilo tudo aquilo que está na Bíblia? (Almeida, 2005: 26)

No contexto das freqüentes indagações dos religiosos, como também, por conta da série de questões que nunca foram descobertas ou fechadas pela arqueologia, começou-se há se fazer necessário por parte dos estudiosos re-avaliarem o que de fato pode ser palpável na Arqueologia do Levante Sul. Nesse re-avaliar teve-se de assumir que parte das narrativas bíblicas não se afirma perante o exercício de coleta nos sítios arqueológicos. Daí, no meio de tantas questões no ano de 1996 ocorre o Primeiro Congresso de Metodologia Histórica, lá em na Universidade de Copenhagem (Dinamarca), foi quando se buscou exatamente noticiar os (poucos) pontos firmes da arqueologia, junto com as indicações mais clássicas da crítica bíblica (cf. Silva, 2003: 43-87). Até hoje, já se passaram seis desses congressos, e muitas questões puderam ser analisadas, como o exílio, o império persa, o tribalismo e etc.

O presente trabalho tenta acolher de alguma forma um ponto da ciência minimalista que, segundo fora sacramentado no decorrer dos congressos, parte da arqueologia para o texto bíblico.¹ O texto bíblico só é aceito se alguma fonte arqueológica o justifique, e preferencialmente tal fonte tem de ser escrita. Assim, se dividiu o artigo em três partes. A primeira dá conta da localização e da geografia de Laquis. A segunda parte detalhará as escavações no tel, a época das camadas encontradas, os textos bíblicos e uma propensa relação comentada historicamente entre os textos bíblicos e o saber arqueológico. E, a terceira (e última) parte, se concluirá sobre a inter-relação entre arqueologia e as narrativas bíblicas, tentando inferir qual é a balança entre as duas grandezas na forma que vem sendo encarada pelas pesquisas históricas atuais.

Por fim, como se indicou no parágrafo acima, o tel a ser desbravado por essas três etapas é o tel de Laquis. Escolha baseada, sobretudo na quantidade de informações que se tem sobre esse sítio, como também, a função de destaque que tal cidade deve ter tido nos tempos bíblicos de Judá. Assim, acredita-se que com Laquis, um tel bem escavado, se poderá perceber mais limpidamente a forma que teria ocorrido à formação dos textos do

¹. Saber *minimalista* é o tipo de conhecimento que coloca o processo formativo do texto bíblico em pequena extensão temporal. Já, o saber *maximalista* coloca como longo o período formativo, sobre ambos os posicionamentos cf. Silva, 2003: 43-87, e ainda Grabbe, 1998.

Primeiro Testamento, e suas eventuais correlações com a sociologia e a história do povo judaíta.

Passa-se a descrição do tel.

1. A LOCALIZAÇÃO DE *LAQUIS*

A cidade de laquis bíblica fora escavada no tel lachish, ainda que, inicialmente houvera divergência sobre a localização da antiga cidade bíblica. Isso ocorreu, sobretudo por que próximo à região de Sefelá existiam uma diversidade de colinas e de *tel's*. Os assírios nomearam tal cidade de lakisu, a quem diga que a origem de seu nome veio das línguas do Oriente Antigo, semelhantemente, a Cárquemis. Provavelmente já no tempo do segundo milênio antes da era cristã já existira alguma consolidação no seu solo (cf. Keel & Kücher, 1982: 881-882).

Laquis (Tell ed-Duweir) está a 18 km oriente de Hebrom, a 45km a sudoeste de Jerusalém, suas ruínas estão encontradas num monte no Séfela. O tel no topo chega a medir 7,3 hectares e na base 12,3 hectares (Reimer, 2002: 20; Briend, 1985: 85). Localiza-se a 40m de altura, a altitude de 250m de altitude. Curiosamente embora seu tamanho o tel laquis não seja perceptível de longe (Keel & Kuchler, 1982: 882).

2. O HISTÓRICO DA ARQUEOLOGIA

Foram iniciadas entre os meados dos anos 1932-1938 à primeira expedição de ingleses, liderados por J.L.Starkey. Por conta de seu assassinato a expedição foi parcialmente interrompida em janeiro de 1938, mas pelo incentivo de L.Harding os trabalhos continuaram até setembro de 1938, sendo eles publicados pela Sra. O. Tufnell. Nessa primeira desbravada se descobriu um templo do fosso na base do monte, datado entre 1500a.C e 1200a.C, também, restos do palácio e parte do sistema de muros e portão da época monarquia e também um conjunto de cerca de vinte e um cacos de cerâmicas designadas de ostracas de Laquis – que serviam para registro de arrecadação em tributos de

azeite, vinho e animais (Reimer, 2002: 20; Keel & Küchler, 1982: 881-3; Briend, 1985: 85).

A segunda expedição foi liderada por um judeu, Y.Aharoni, tal empreendimento fora financiado pela Universidade de Haifa, de Jerusalém, entre os anos de 1966 a 1968. Nela levantou-se a memória da camada relativa ao século 6a.C tempo dos persas sobre a região judaica. Lá se descobriu de mais substancial a existência de um templo solar, isto é, um solar shrine (nível I, cf. Reimer, 2002: 20). Um modo religioso-cultural comum entre os impérios, Babilônicos conforme indica Milton Schwantes (2002: 34), e o Persa como descreveu Walter Vogel (2001: 51-65).

Já a terceira expedição teve coordenação do prof. David Ussishkin da Universidade de Tel-Aviv. Em todo seu declive até hoje, essa expedição teve mais de quatorze investidas, sendo que a décima terceira em especial houve a participação do professor Haroldo Reimer, hoje docente da Universidade Católica de Goiás (UCG). Substancialmente nessa expedição a ciência maximalista conseguiu tocar mais vínculos entre os acontecimentos históricos e as narrativas bíblicas do tel de Laquis, como descreve Mario Liverani (2003: 142-167) em tom de crítica a metodologia fluida por tais pesquisadores.

Nesse tel o dado mais expressivo, que cada vez vem ganhando mais destaque na arqueologia do Levante Sul, é sem dúvida a rampa construída pelos assírios para invadir a fortaleza de Laquis, em aproximadamente 701a.C. (cf. detalhes em: Finkelstein & Silberman, 2003: 354). Sobre esse dado, e outros vislumbrados em Laquis se começará a elucidar no saber estratificado o tel, para que posteriormente se compactue inter-relacionando os descobrimentos, a história israelita e as comunas das narrativas bíblicas.

3. A OCUPAÇÃO DE *LAQUIS*

Trilha-se o seguinte quadro temporal (estratificação histórica) da ocupação do sítio de Laquis nos preâmbulos dos tempos bíblicos:

Estrato período (século/ período)	Datas (a.C.)	tipo de assentamento
--------------------------------------	--------------	----------------------

VIII - bronze médio IIB	1700-1550	cidade com muro
VII - bronze tardio IIA	1400-1300	???
VI - bronze tardio IIB	1300-1180	sem muro (?)
V - ferro IIA	900-800	palácio-fortaleza
III - ferro IIC	760-701	cidade fortificada com palácio
II - ferro IIC	650-587	cidade fortificada sem palácio
IA - período persa	500-330	residência persa
IB - período helenista	330-150	templo do sol

Dois momentos históricos são dignos de nota para o conhecimento de Laquis. Primeiro quando refere aos tempos de 900 até 701a.C, e depois, quando se refere à invasão babilônica liderada por Nabucodonozor no século 6 a.C. Nesses dois arredores os pesquisadores vêm encontrando maiores elos entre as narrativas bíblicas e os dados indicados pela arqueologia do Levante Sul.

Mais mesmo com essa incidência, hoje em dia pouco de substancial pode ser ligado entre as narrativas bíblicas e o ramo arqueológico. O que há absolutamente é uma total defasagem entre a memória arqueológica e a memória bíblica², por isso há quem sugira que a ideologia do texto bíblico não passava pelos avais institucionais da situação, nem tão pouco do estado da época – nesse sentido, indica-se que os textos fluíram quase sempre das memórias perigosas, (Halbwachs, 1997: 93-94) protótipos a serviço da resistência e da insubmissão³. Assim, no ponto abaixo somente se buscará selecionar as narrativas bíblicas que mencionam tal cidadela, para que após se possam fazer possíveis links entre arqueologia e textos bíblicos, suscitando pequenos comentários das épocas na história de Laquis.

Abaixo primeiro se fará o reconhecimento das tradições dos textos bíblicos.

3.1. As perícopes bíblicas

Como se disse, abaixo apenas sistematizou-se as narrativas bíblicas sem qualquer percepção temporal mais complexa, apenas se destacou os textos em blocos que a

² Como mesmo depõem o brilhante *minimalista* Grabbe, 1998.

³ O texto que exercita a memória social na América Latina junto ao texto bíblico com experiências dos círculos bíblicos é Richard, 1982: 143-150.

pesquisa vetero-testamentária vem afirmando que sejam de mesma tradição escriturítica. Fez-se isso por que no passo seguinte se preocupará com o comentário nas passagens bíblicas, e localizando as tradições das escritas se torna pertinente para que se possam trazer as palavras bíblicas para dentro da história do povo judeu.

Nesse sentido pode ser observado na tabela abaixo os textos de Juízes e de 2Reis sendo reunidos na extensa Obra Historiográfica Deuteronomista (=OHD), como também, os textos de 2Cronicas e Neemias unidos pelo nome da Obra Historiográfica Cronista (=OHC) ⁴.

Levante e Livros	Partes
Obra Historiográfica Deuteronomista (de Deuteronomio até 2Reis)	Josué 10,3.5.23.31-35; 12,11; 15,39; 2 Reis 14,19; 18,14.17; 19,8;
Proto-Isaías (1Isaías)	Isaías 36,2; 37,8;
Jeremias	Jeremias 34,7
Miquéias	Miquéias 1,13
Obra Historiográfica Cronista (1 e 2 Crônicas, Esdras e Neemias)	2Crônicas 11,9; 25,27; 32,9 Neemias 11,30;

Agora, após a passada nos textos bíblicos que apresentam o nome Laquis, se fará um esforço de palpitar como foram os ocorridos em Judá nos tempos bíblicos.

3.2. A difusão entre a história do povo bíblico e a arqueologia da Fértil Crescente

Há de se entender a importância da cidade de Laquis. Fora uma cidade localizada numa parte cultivável e fértil geograficamente cobria uma das principais estradas que levavam de Jerusalém ao Egito, fazendo a entrada e a saída do sul, em relação ao Negueb e ao Egito, do Reino Norte (Briend, 1985: 85; Reimer, 2002: 21).

Num corte feito no tel determinou-se a existência de sete níveis (levels), sendo o mais antigo antes de 1300a.C tempo em que teria tido uma patente destruição da região (cf. Reimer, 2002: 21). Por assim, durante o período de 1300 até 1180a.C Laquis deve ter

⁴ Para uma introdução a tais nomenclaturas do Primeiro Testamento, como de Obra Historiográfica Deuteronomista e Obra Historiográfica Cronista, cf. as introduções: Sicre Dias: 1999: 61-96; Schmidt, 1994: 134-166.

sido palco de uma violenta guerra, que por ela, ocorreram queimadas observadas pela maciça camada de cinzas ainda nesse nível (Keel & Küchler, 1982: 881-7). Infelizmente, nesse tempo nenhum texto bíblico cita tais ocorrências, algo de muito menos de palpável se sabe sobre a forma que teria ficado Laquis nos três séculos seguintes a tal destruição incendiária.

Acredita-se que nesses três séculos após a queimada, seguiu-se um hiato populacional indo até aproximadamente o século 10a.C. Nesses ídolos Laquis não era habitada substancialmente por nenhum contingente de pessoas, pondera-se que nessa época quem pairava sobre a região eram os pastores beduínos semi-nomades, esses, nos quais, deveriam ter como arquétipo formativo Abrão e seu clã (Schwantes, 1987: 37-49).

No IV nível, segundo a indicação de Haroldo Reimer (2002: 21), houve a estabilização de Laquis como cidadela fortaleza. Isso é justificável por que particularmente era tempo da divisão dos reinos de Israel e de Judá. Detalhe é que aparentemente apenas uma narrativa bíblica afere Laquis como ponto relevante nesse tempo. É um texto que coloca Laquis como uma fortificação para a defesa do rei Roboão pela divisão dos reinos “Roboão habitou em Jerusalém e, para defesa, fortificou cidades em Judá; fortificou, pois, a Belém, a Etã, a Tecoa, a Bete-Zur, a Socó, a Adulão, a Gate, a Maressa, a Zife, a Adoraim, a Laquis, a Azeca, a Zorá, a Aijalom e a Hebrom, todas em Judá e Benjamim, cidades fortificadas” (Almeida Revista e Atualizada, cf. 2Cronicas 11, 5-10). Dando aval ao texto bíblico, nessa camada descobriram-se restos arquitetônicos de guarnições reais, com armazéns e estábulos para cerca de 100 cavalos (Reimer, 2002: 21).

Sobre o texto de 2Cronicas 11, 5-10, Herbert Donner (2000: 285-286) conta que devido à morte de seu pai David, Roboão mandou fortificar a cidade, bem como as outras cidades limítrofes do Sul, ao redor de Jerusalém. Fortificar-se era importante, pois a qualquer insulto, ou disputa, poder-se-ia ajusta-se à guerra. Por isso a arqueologia encontrou na cidadela desse tempo, guarnições e cavalos para o ataque ou a defesa da região⁵. Contudo, Laquis nesse nível (isto é, no IV) não era uma cidade formal com

⁵ Um detalhe que não deve passar despercebido pelos estudiosos é que mesmo literalmente se tenha indicativo do 9a.C. tal texto pode ser datado entre os ídolos do período persa e o grego sobre a judéia, tempo em que por ela buscou-se uma *busca-se uma síntese do cânon* sobretudo incentivada pelas dificuldades culturais causadas pela expansão helênica sobre a judéia, como mesmo Georg Steins (2003: 210-222) afirma, foi uma luta pela identidade judaica. Assim, Herbert Donner (2002: 285) responde aos mais críticos dizendo que somente os quatro primeiros locais da lista cronológica

habitantes e moradores, mais antes, avistava consideráveis armazéns e estábulos. Já deveria ser uma cidade fortaleza, um quartel general, que no seu centro havia um palácio/cidadela. Era uma completa guarnição formada por soldados, armamentos, depósitos e firmamentos, ambos incentivados segundo o texto de 2Cronicas 11, 5-11 pelo reinado de Roboão.

No nível III, segundo a divisão temporal de Haroldo Reimer, Laquis teria se consolidado absolutamente como uma cidadela-quartel situada na parte mais fértil de Judá (cf. Neemias 11, 30), que começava a receber gente fugida do reino Norte após a destruição de Samaria, em 722a.C. Pela chegada dessas pessoas Laquis inchou começando a ter problemas sociais mais graves, nesse contexto deve ter começado a nascer o texto de Deuteronômio com suas regulamentações avalizando ponderações sobre os menos abastados⁶. No que tange a arqueologia sobre esse período em Laquis conseguiu-se detectar que a cidade foi ampliada com casas ao redor, tendo até moradias fora dos seus muros.

Laquis passou a ser a segunda maior cidade do reino de Judá, só perdendo para Jerusalém. Tornou-se um centro regional no qual viviam pessoas da posição das elites e dos governantes, como descreve o texto do profeta Miquéias (1, 13) “Ata os corcéis ao carro, ó moradora de Laquis; foste o princípio do pecado para a filha de Sião, porque em ti se acharam as transgressões de Israel” (sublinhado, Almeida Revista e Atualizada). Parece que o ponto aqui desse texto bíblico é que o termo traduzido por moradora, habitante (hebraico: *yosheb*) é sinônimo de governante e de administrador. A se considerar essa pequena análise da palavra *yosheb* e a arqueologia, Laquis nessa época era um local estratégico, habitado pelas pessoas importantes do reino Sul. Por essa razão a cidade deve ter sido tão bem equipada militarmente, com cavalos, carros como narra o testemunho do profeta Miquéias, no 8^a século.

O ponto que mais se destaca arqueologicamente nesse nível, e ao que tudo indica em todo o tel, é sem dúvida os achados que envolvem a expansão Assíria sobre a

de 2Cronicas 11, 5-12 poderiam ser referencias posteriores (do 6^o século ou do 5^o século), nisso conclui-se que Laquis era uma referencia, já sim no 9^o século.

⁶ Muitas teorias sobre o surgimento do texto de Deuteronômio estão em voga hoje. Mas particularmente especial para essa época é a consideração (tese) de Nobert Lohfink de que a parte central do texto de Deuteronômio (o Código Deuteronomico/Deuteronômio 12-26) teria começado nessa época de inchaço de Judá, cf. Lohfink, 1995: 13-38. Quem adota posição próxima a essa idéia de Nobert Lohfink na América Latina, é o teólogo católico Nakanose, 1996: 160-193.

Palestina em 701a.C. Após sucumbir às cidades filistéias Ascalom e Ecrom, Senaqueribe, o rei Assírio, volta-se contra Judá, pelejando contra as cidades limítrofes judaicas, como, por exemplo, era Laquis. Embora, existam críticos como G. W. Ahlstron⁷, que questionam a forma de como se deu à guerra, na exemplificação dessa batalha à arqueologia aparentemente acerta. Vai aos detalhes. Isso por conta de um relevo, por ele se conseguiu reconstruir a dramaticidade de tal batalha (Finkelstein & Silberman, 2003: 352-354).

Mesmo sabendo que no fim a Assíria conseguiu conquistar Laquis, típica cidade quartel de Judá como fora recolhido no sinuoso relato de 2 Reis 18, 17 “Contudo, o rei da Assíria enviou, de Laquis, a Tartã, a Rabe-Saris e a Rabsaqué, com um grande exército, ao rei Ezequias, a Jerusalém; subiram e vieram a Jerusalém. Tendo eles subido e chegado, pararam na extremidade do aqueduto do açude superior, junto ao caminho do campo do Lavandeiro.” (Almeida Revista e Atualizada), deve-se dar o valor da riqueza cultural extraída desse relato dramatizado por um artista persa, até por que sobre guerra se tem acesso a um relato do Oriente Antigo não bíblico que diz o seguinte “Senaqueribe, rei de todos, rei da Assíria, sentado no seu trono, enquanto a pilhagem de Laquish passa diante dele” (cf. Finkelstein & Silberman, 2003: 352).

Detalhando um pouco mais sobre a guerra entre os Judeus e os Assírios, pode-se afirmar com alguma certeza, que para invadir Laquis, Senaqueribe construiu uma rampa de cerca de 27 metros para suplantar os muros da cidade. O momento mais interessante do relato é que conforme a rampa ia aumentando, os Judeus iam tirando partes de suas próprias casas para poder sustentar tal peso. Os judaitas tentavam se defender de qualquer maneira, atirando vasos, flechas, tochas, etc. Os Assírios buscaram suplantar o muro dos Judeus pelo lado, por que a entrada central de Laquis tinha portões altamente fortificados trincados com encaixe na forma de tridentes (Keel & Küchler, 1982: 881-7).

Como é de práxis muitas partes do drama foram questionadas pelos estudiosos, mas mesmo assim, detalhes como as armas, o fogo, a água e a grande rampa são pontos que puderam ser atestados pelas ferramentas arqueológicas, conforme indicam os exegetas católicos de Freiburg, Othmar Keel & Kuchler (1982: 881-7) e também por Israel Finkelstein e Neil Ascher Silvermann (2003: 352-5). Historicamente era tempo do rei

⁷ Cf. as críticas de Ahlstron no texto de Herbert Donner (2000: 373).

Ezequias que vivia em Jerusalém enquanto Laquis e outras cidades judaicas foram invadidas por Senaqueribe⁸.

Que em termos estratégicos, após as derrotas nas cidades fortalezas (como Laquis) Ezequias fica desprotegido e praticamente isolado em Jerusalém não tendo outra saída senão pagar impostos de vassalagem a Assíria. Parte desse acordo pode ser percebido no texto bíblico de Isaías 36,2, quando o profeta relata o encontro do rei Ezequias com um vassalo da Assíria enviado por Senaqueribe “O rei da Assíria enviou Rabsaque, de Laquis a Jerusalém, ao rei Ezequias, com grande exército; parou ele na extremidade do arqueoduto do açude superior, junto ao caminho do campo do lavadeiro” (Almeida Revista e Atualizada, cf. para isso também 2Cronicas 32).

Após a guerra e os eventos desastrosos de 701a.C a cidade voltou a se fortificar, embora de forma mais amena. Sobre esse aspecto de constante fortificação da cidade de Laquis pensa-se que fora uma questão absolutamente necessária, por três fatores nítidos. Primeiro, por que junto à cidade havia uma corrente de água perene (chamada de nahal laquis), segundo por sua posição estratégica circundada por vales que somente na ponta suldeste a formação topográfica permitia o acesso, e terceiro (por último) por ser ponto na rota de Jerusalém ao Egito.

A re-estruturação após a derrocada para Senaqueribe deve ser relacionada, sobretudo pela política interna de Josias. Ele que aproveitando a fraqueza do império Assírio no tempo, aprofunda pontos da reforma de Ezequias, voltando-se a nacionalização e ocupando algumas partes do Antigo Israel, aumentando os tributos e reforçando suas defesas (Crüsemann, 2002; Albertz, 1994; Silva, 2005: 18-19). Esse momento, segundo a pesquisa clássica, deve ter surgido textos que vinculassem Laquis como conquista e fortificação, como no livro de Josué, “O rei de Iarmut, um. O rei de Laquis, um” (Almeida Revista e Atualizada, Josué 12,11)⁹, por exemplo. Aferindo a estilização de Laquis em

⁸. Como atesta o cilindro de Taylor “*Quanto a Ezequias do país de Judá, que não se tinha submetido ao meu julgo, sitiei e conquistei 46 de suas [sc. Ezequias] cidades muradas e fortificadas, assim como inúmeras pequenas cidades em suas cercanias*” (Donner, 2000: 372; Silva, 2005: 16-17).

⁹. Assim, alguns estudiosos reforçam a opinião de que o nome Josué, seria a referência ao rei Josias de 622a.C cf. Prado, 2005: 28-36; e um histórico da pesquisa do livro de Josué, cf. o esclarecedor texto de Niehr: 2003: 170-176.

textos do Oriente Antigo nesse tempo na região de Judá foi encontrada na região uma carta escrita em cerâmicas datadas de 588a.C (Reimer, 2002: 21; Mazar, 2003: 436-437).

Nesse mesmo nível, Laquis fora destruída de novo agora pela potencia do império Babilônico, em 586a.C. Alguns dos ostracos de Laquis (isto é, ostraco n° 3 e ostraco n° 4) podem ser datados com firmeza próximos a invasão babilônica em Judá, eles atestam a representatividade de Laquis na era. Mais exatamente em 588a.C, como Briend (1985: 85-86) denomina, tais cartas (ostracos) foram feitas dos judeus palestinos para os judeus que viviam no Egito. Cartas que pontuam a relação entre os judeus no reino de Sedecias e os Egípcios (faraó Hofra) ¹⁰ antes da destruição de Nabucodonozor em Judá. Biblicamente o texto que mais se aproxima desse momento é Jeremias 34, 7 que afirma o seguinte “quando o exército do rei da Babilônia pelejava contra Jerusalém, contra todas as cidades de Judá que ficaram de resto, contra Laquis e contra Azeca; porque estas fortes cidades foram as que ficaram dentre as cidades de Judá” (cf. Almeida Revista e Atualizada). Descrição que atesta o valor militar da cidade de Laquis como ponto fundante

¹⁰. Segundo Briend (1985: 85-86) o ostraco n°3 e o n°4 dizem o seguinte:

Ostraco n°3

A. Enviados judeus no Egito

Teu servo Hoshiyahu enviou para anunciar ao meu senhor Yaosh: Que Iahweh faça meu senhor ouvir novas de paz e novas de felicidade! E agora abre, eu te peço, os ouvidos de teu servo para a carta que enviaste a teu servo ontem à tarde, por que o coração de teu servo está contristado depois de teu envio ao teu servo e também por que meu senhor disse: ‘Tu não sabes ler uma carta’. Por que Iahweh vivo, ninguém jamais tentou ler uma carta para mim. E toda carta que chega, depois de te-la lido, eu posso repeti-la em detalhes.

E ao teu servo foi transmitido isto: ‘O chefe do exército, Konyahu, filho de Elnatan, desceu para is ao Egito’, e Hodawyahu, filho de Ahiyahu, e seus homens, ele mandou retirar-los daqui.

Quanto à carta de Tobyahu, o servo do rei, endereçada a Shallum, filho de Yada, da parte do profeta dizendo: ‘Toma cuidado’, teu servo a enviou ao meu senhor”.

Ostraco n°4

“B. Laquis, fortaleza de Judá

Que Yahweh faça meu senhor ouvir hoje mesmo novas de felicidade! E agora, segundo tudo o que meu senhor mandou dizer, assim agiu teu servo. Escrevi na tabuinha segundo tudo que me mandaste dizer. Quanto ao que meu senhor mandou dizer a propósito de Beth-Harrapid, lá não há ninguém. Quanto a Semakyahu, Semakyahu o tomou e o fez subir para a cidade. Quanto ao teu servo, não posso enviá-lo para lá...mas na volta de manhã...e ele saberá, por que nós observamos o fogo sinal de Lakish segundo todos os sinais que meu senhor deu, mas nós não vemos Azeqah.”

para a defesa de Judá antes da invasão de Nabucodonozor, como mesmo informa o ostraco nº 4, e em menor instancia o ostraco nº3 (cf. nota de rodapé nº 10).

Por fim, no último nível pontuado por Haroldo Reimer, em Laquis no período persa, foi encontrada uma espécie de templo ao sol na região. No período helênico foi mantido o mesmo caráter de reconstrução e de re-povoamento, mas assim, a cidade não chegou a ter mesma sinuosidade do passado. E, de novo por volta do século 2a.C. a cidadela fora destruída sem mais haver qualquer reconstrução sobre a região.

IV. HERMENEUTICA

Nesse caso ao se analisar o saber do tel de Laquis deixou claro, a importância militar e estratégica da cidade para o território palestino no Antigo Oriente. Laquis nos tempos bíblicos teve forma ora em maior, e ora em menor instancia, de uma típica cidade fortaleza.

Em termos de arqueologia do Levante Sul com o aporte ao saber debatido sobre a cidadela de Laquis, se pode afirmar com alguma segurança a relação dos textos bíblicos com momentos expressivos de tensão na Historia de Israel: como o foram à queda do Reino Norte em 722a.C, o reinado de Josias por volta de 622a.C, à destruição de Judá em 586aC, a época persa, a invasão grega e a revolta dos Macabeus.

Nessa visa pode-se perceber que o aporte feito ao sítio de Laquis, nos levantes formadores de seus textos bíblicos seriam apropriados não para se construir fatos fotográficos da vida do homem bíblico, mas apenas, arquétipos narrativos que tentam sanar comunidades açoitadas, em profunda crise cultural e ideológica. Os textos seriam formados assim nos lapsos de memória (Halbwachs, 1997: 72-94), como afinal de contas, Carlos Mesters (2006: 87) descreveu sobre as comunidades construtoras dos mitos bíblicos e sobre a linguagem mítica:

“Em momentos de crise, de mudança ou de derrota, quando a identidade do grupo é ameaçada, o mito entra em ação e ajuda o grupo a defender-se e reencontrar-se (...) é como nosso corpo quando recebe uma ferida. O corpo reage e se defende”.

Textos teriam surgidos em Laquis como são chaves da vida. Na incidência de seu contexto são defesas das piores horas, nada mais são que formas elementares de se

responder à vida, por isso neles se agregam elementos de resistência e utopia frente às tragédias. Formam-se como micro-sistemas entranhados pela sociedade e pela cultura local (Geertz, 2001: 126-130), que não devem ser desprezados pelo seu valor falso ou verdadeiro, mas simplesmente por sua função junto ao ser humano.

Textos são... (pura) vida.

5. BÍBLIOGRAFIA

ALBERTZ, Rainer. 1994. *A History of Israelite Religion in the Old Testament Period*, 2 vols, Philadelphia, Westminster Press, 1994.

ALMEIDA, Fabio Py Murta. 2006. Intrigas de Pátio - no ideal da Criação de Gênesis 1, em: *Revista da Bíblia*, Rio de Janeiro, Juerp, 26-41.

BiblePlaces.com. Lachish. Disponível em: <<http://www.bibleplaces.com/lachish.htm>>. Acesso em: 13 maio de 2006.

BIBLE WORKS for Windows. 2005. Montana. Hermeneutika Bible Research Software. Versão 6.0.

BÍBLIA SAGRADA. 1995. Traduzida por João Ferreira de ALMEIDA. Integrada em: BIBLE WORKS, 6.0. Sociedade Bíblica Trinitariana. (Almeida Revista e Atualizada).

BRIEND, Jacques (org.) 1985. *Israel e Judá: textos do Antigo Oriente Médio*, São Paulo, Paulus.

BRIGHT, John. *História de Israel*, São Paulo, Paulinas, 1978.

CRÜSEMANN, Frank. 2002. *A Tora: teologia e história social da lei do Antigo Testamento*, Petrópolis, Vozes.

DONNER, Herbert. 2000. *História de Israel e dos povos vizinhos: volume II*, Petrópolis, Vozes.

FINKELSTEIN, Israel & SILBERMANN, Neil Ascher. 2003. *A Bíblia não Tinha Razão*, São Paulo, A Girafa.

GRABBE, L. L. (ed.) 1998. *Leading Captivity Captive: "the exile" as history and ideology*, Sheffield, Sheffield Academic Press.

- GEERTZ, Clifford. 1989. Um jogo adsorvente: notas sobre a briga de galo balinesa, em: *A interpretação das culturas*, Rio de Janeiro, LTC, 103-245.
- GEERTZ, Clifford. 2001. *Nova Luz sobre a antropologia*, Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor, 124-130.
- HALBWACHES, Maurice. 1997. *La mémoire collective*, Paris.
- KEEL, Othmar & KUCHLER, Max. 1982. *Orte und Landschaften der Bibel: Ein Handbuch und Studienreiseführer zum Heiligen Land*, Volume 2, Benzinger/Vandenhoeck & Ruprecht, Köln/Göttingen.
- LIVERANI, Mario. 2003. *Oltre la Bibbia. Storia antica di Israele*, Roma – Bari, Laterza, 110-178.
- LOHFINK, Norbert. 1995. *Deuteronomium und Pentateuch. Zum Stand der Forschung*, SBAS 20, 13-38
- MAZAR, Amihai. 2003. *Arqueologia na terra da Bíblia: 10.000-586 a.C.*, São Paulo, Paulinas.
- MESTERS, Carlos. 2006. Mito e o Rito na Bíblia, em: *DREHER, Carlos. MUGGE, Erny. HAUENSTEIN, Iria. & DREHER, Isolde (orgs.). Profecia e Esperança: um tributo a Milton Schwantes*, São Leopoldo, Oikos, 86-93.
- NAKANOSE, Shigeyuki. 1996. Para entender o livro do Deuterônômio. Uma lei a favor da vida?, em: *Revista de Interpretação Bíblica Latino-America*, n°42, vol.14, Petrópolis, Vozes, 160-193.
- NIEHR, Herbert. 2003. O livro de Josué, em: *ZENGER, Erich (org.) Introdução ao Antigo Testamento*, São Paulo, Edições Loyola, 170-176.
- PRADO, José Luiz Gonzaga. 2006. A invasão/ocupação da terra em Josué. Duas leituras diferentes, em: *Revista Estudos Bíblicos*, v.88, Petrópolis, Vozes, 2006, 28-36.
- REIMER, Haroldo. 2001. Bíblia e arqueologia, em: *Revista da Bíblia*, ano VII, n° 25, 1T02, Rio de Janeiro, Juerp, 20-21.
- RICHARD, Pablo. 1982. La Bíblia, Memória histórica de los pobres, em *Revista Servir*, v. 18, 143-150.
- SCHMIDT, Werner H. 1994. *Introdução ao Antigo Testamento*, São Leopoldo, Sinodal.
- SCHWANTES, Milton. 2002. *Projetos de Esperança: meditações sobre Gênesis 1-11*, São Paulo, Paulinas, 2002.

- SICRE DIAZ, José Luis. 1999. *Introdução ao Antigo Testamento*, Petrópolis, Vozes, 1999.
- SILVA, Airton Jose. 2003. A História de Israel na pesquisa atual, em: *FARIA, J. F (org.) História de Israel e Pesquisas Recentes*, Petrópolis, Vozes, 43-88.
- SILVA, Airton Jose. 2005. O contexto da obra historiográfica deuteronomista, em: *Estudos Bíblicos*, nº 88, Petrópolis, Vozes, 11-27.
- STEINS, Georg. 2003. O livro de Crônicas, em *ZENGER, Erich (org.). Introdução ao Antigo Testamento*, São Paulo, Edições Loyola, 210-221.
- VOGELS, Walter. 2000. *Abraão e sua Lenda. Gênesis 12, 1-25,11*, São Paulo, Edições Loyola.